

Supervisão e análise pessoal: igualdade e diferença

Celso Gutfreind¹

Resumo: Neste artigo, com o mote da diferença, o autor propõe uma reflexão sobre o que afastaria e o que aproximaria – igualdade e diferença – a atividade de Supervisão Analítica da Análise Pessoal, ambas situadas no tripé da Formação Analítica. As conclusões, sempre provisórias, apontam para aproximações possíveis entre ambas no que se refere à defesa de uma posição analítica em prol da abertura de sentidos e, também, diferenças importantes no que se refere ao cuidado de não interpretar, à guisa de tratamento, movimentos transferenciais e contratransferenciais sempre presentes.

Palavras-chave: Diferença. Supervisão Analítica. Tratamento Analítico.

1 Introdução

Há décadas, a Supervisão firmou-se como parte fundamental do tripé da Formação Analítica. No entanto, por mais que se tenha escrito sobre ela, seu corpus bibliográfico é incomparavelmente menor do que o da Análise Pessoal, outro dos eixos e sustentado pelo terceiro, os Seminários, que é o corpus em si, prolífico e abundante. Sobre a Supervisão, enfim, escreveu-se menos, relatou-se menos, embasou-se menos, o que pode trazer certa vulnerabilidade no seu enquadramento.

Se os Seminários em torno da obra de Freud e seus sucessores sustentam uma análise além de uma Formação – e assim o deve ser, provavelmente –, o quanto embasam o que é feito numa Supervisão?

1 Membro Titular da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.

Onde se aproximam Supervisão e Análise Pessoal à cata de alguma igualdade, uma referência?

Onde encontram a sua diferença para que não se confundam ou se atrapalhem? A Supervisão cava por si, sozinha e especificamente, a metapsicologia que a sustenta? Há, em um e outro, singularidades?

Não sabemos, é claro, mas, entre todos os eixos, a Supervisão mereceu, certamente, menos tentativas de respostas, o que há de deixar brechas, lacunas para que possa se desenvolver melhor.

No clima dessas possibilidades de criação de sentidos, propomos algumas breves reflexões embasadas na nossa práxis como Supervisores em psicanálise, extraída de momentos em que a teoria – e a prática – analítica ajudaram-nos a supervisionar e, em outros, em que a atividade de Supervisor simplesmente precisou cavar as suas diferenças sob pena de não perder a eficácia.

Em busca permanente de uma forma (para a Análise, para a Supervisão, para os Seminários), propomos um breve tripé para o nosso texto. Terminada essa conclusão (eixo primeiro), o segundo eixo refere-se a reflexões em torno de onde Supervisão e Psicanálise se aproximam (a igualdade) e, finalmente, o terceiro, onde se afastariam, engendrando uma diferença a ser respeitada.

2 Proximidade, igualdade

Cabe ao Supervisor e à Supervisão, assim como ao Analista na Análise, manterem-se analistas, bem como salvaguardar o clima de analisibilidade. Essa tarefa não é fácil e o esforço surge como permanente, interminável.

Há entre os carros-chefes de toda Análise uma (re)construção de identidades e, para tal, o Analista, modelo de identificação, precisa defender a sua, constantemente atacada e ameaçada nos movimentos transferenciais e contratransferenciais de um encontro. Talvez, aqui, esteja o desafio maior, sobretudo em tempos de representações culturais tão afeitas a métodos mais breves, objetivos, sedativos. As tentações, em meio a tudo isso, de “deixar de ser quem se é” na Supervisão, portanto, são grandes, assim como na Análise.

É difícil manter a atmosfera de busca, de procura, de atenção flutuante sem forçar a barra de uma interpretação apressada e precoce como tantas vezes se atribuiu a M. Klein, por exemplo, embora ela, a uma leitura mais atenta, cuidasse para não interpretar antes de uma construção.

Nesse sentido, a abstinência conta muito, tanto para o Supervisor como para o Analista e, diante disso, irrompe a necessidade de manter-se “freudiano”, socrático, abrindo um campo de interpretações abertas, não saturadas, em busca de cada vez mais sentidos (Baranger, 1969; Bion, 1963/1979): “A forma de um

romance e de uma Análise não deve ser fixada de antemão. Fazer assim é impedir o experimento.” (Ogden, 2013, p. 25).

João traz o material de Pedro, um paciente adolescente angustiado com a escolha profissional. Desistiu de três faculdades e está prestes a desistir da quarta. João rapidamente relaciona a angústia de Pedro com a de uma mãe, igualmente angustiada com o começo de suas saídas noturnas e da separação.

Aqui, lembramo-nos de muitos atendimentos de Freud, em especial o do pequeno Hans, quando o Analista propunha cautela ao pai que relatava o material de seu filho, propondo de imediato o desvendamento do enigma de seus sintomas.

O Supervisor, identificado com Freud, acolhe o material e a hipótese, mas resiste à tentação de aceitar ou não a interpretação de João. Ele as recebe para abrir uma matriz conjunta de pensamento. Algumas supervisões depois, João traz um material referente ao pai de Pedro, um homem violento. Isso abre novas perspectivas para o tratamento, o que não teria sido possível sem uma espera capaz de não fechar essas questões. O trajeto relembra o do atendimento de Freud, quando as hipóteses migraram de uma relação muito próxima à mãe a uma temerosa relação diante do pai.

A manutenção da abstinência do Supervisor ao lidar com o supervisionando parece ter sido importante. Graças a ela, ele pôde manter-se Analista junto ao seu paciente – e manter um modelo de identificação para tal –, com uma escuta que tenta ser afiada, empática e constante em busca de novas possibilidades na abertura de campo e de sentidos. E não haveria como fazer isso senão mantendo-se interessado em escutar uma história, uma narrativa, verdadeira fonte de sentido (Huston, 2010).

A tentação de não suportar não saber e, assim, atuar na posição de suposto saber (Lacan, 1956) é grande. Confortar, gratificar, maternar, paternar são momentos que inevitavelmente marcam presença em partes de todo o tratamento, mas não como um norte (como o de tratamentos medicamentosos), ou pelo menos não de forma fixa, e aproximam o Supervisor do Analista.

A todas essas, a maior proximidade entre Supervisor e Analista pode estar (Bion, 1979) na possibilidade de, em meio a toda teoria disponível (para o Analista, em especial), suportar não saber e poder aguardar a possibilidade de vir a.

3 Afastamento, diferença

Supervisionar não é tratar e a tentação de mudança de postura e identidade aqui também é grande. Atende-se a quem trata (sem tratar), se é que o analista traz em primeiro plano o desejo de tratar acima do de conhecer.

A transmissão de uma posição de conhecer acima da ânsia de debelar sintomas é outra das funções importantes tanto de um Supervisor como de um Analista.

Aceitar essa meta-posição com a humildade de quem não está na linha de frente também é fundamental para o Supervisor e para a Análise que seu Supervisionando traz para ser analisada.

O Supervisionando, afinal, relata o conflito do paciente, atrelado ao seu e, não raro, o Psicanalista o interpreta como num clima analítico de transferência e contratransferência. Aqui reside o risco, pois a matriz de um clima terapêutico pode estar presente, mas não o contrato que o sustenta, tampouco as condições para a sua evolução como a frequência e a clareza dos papéis de cada protagonista.

João hesita em interpretar a Pedro o quanto a dificuldade de sua mãe em aceitar a separação e o crescimento do filho interferem na escolha profissional. O Supervisor aventa a hipótese de que João enfrentou e enfrenta (nas confusões de tempo próprias de um inconsciente) o mesmo conflito do seu paciente, havendo um imbróglgio contratransferencial. Então, buscando a justa medida e a boa distância entre supervisionar e tratar, constrói as suas palavras da forma mais geral possível, sem personalizar. Não foge da raia, mas tenta também não afundar. E expressa algo mais ou menos assim: conflitos como esse são transferidos constantemente para o Analista, que pode se beneficiar se estiver atento a eles.

Não há uma interpretação direta ou dirigida, muito menos a indicação diagnóstica de que o Supervisionando precisa reanalisar tal conflito. Supervisionando e Analista podem ser coautores da Análise de um terceiro e essa clareza precisa estar presente. A Análise não é entre eles, entre eles é Meta-análise.

Se não atentar a isso ou fechar o campo durante a Supervisão, o Analista pode imprimir consequências nefastas. Ao tentar abrir esse campo, como em uma Análise, pode se tornar uma figura invasora e incapaz de acolher o Analista-Supervisionando onde ele talvez mais precise, ou seja, na construção de uma relação suficientemente livre de uma simbiose e capaz de uma autonomia, caminho natural de uma cura. Isso, sim, abriria o campo, com a Meta-análise sendo de grande valia para a Análise.

Analisar, portanto, não é supervisionar. Análise e Supervisão podem navegar nas mesmas águas, mas, se não respeitarem a diferença entre elas, há um sério risco de afogamento como em qualquer nado no qual não se respeite as singularidades de suas águas e de seu movimento.

Supervision and personal analysis: equality and difference

Abstract

In this article, with the motto of difference, the author proposes a reflection on what would separate and what would approximate - equality and difference - the activity

of Analytical Supervision of Personal Analysis, both situated on the tripod of analytic formation. The conclusions, which are always provisional, point to possible approximations between the two as regards the defense of an analytical position in favor of the opening of the senses and also important differences in regard to the care not to interpret in the way of treatment transference and countertransference movements always present.

Key words: Analytical supervision. Analytical treatment. Difference.

Referências

Baranger, W., & Baranger, M. (1969). *Problemas del campo analítico*. Buenos Aires: Kargieman.

Bion, W. (1979). *Eléments de la psychanalyse*. Paris: PUF. (Trabalho original publicado em 1963)

Freud, S. (1996). Duas histórias clínicas (o “Pequeno Hans” e o “Homem dos Ratos”). In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1909)

Huston, N. (2010). *A espécie fabuladora: Um breve estudo sobre a humanidade*, Porto Alegre, L&PM.

Klein, M. (1967). *L'importance de la formation du symbole dans le développement du moi*. In *Essais de psychanalyse (1921-1945)*, Paris: Payot. (Trabalho original publicado em 1930)

Lacan, J. (1995). *O seminário, livro 4: A relação de objeto*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor. (Trabalho apresentado em 1956)

Ogden, T. (2013). *Reverie e interpretação: Captando algo humano*. São Paulo, Escuta.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 01/06/2017

Aceito em: 22/01/2018

Celso Gutfreind
Av. Plínio Brasil Milano, 812/505
90520-050 – Porto Alegre – Brasil
E-mail: celso.gut@terra.com.br